

Ademiro Alves (Sacolinha)

Sulfato Ferroso

Despertou do cochilo limpando a saliva que escorria pelo canto da boca. Lembrou que estava num trem. Teve uma grande surpresa ao perceber que tudo estava escuro e que estava só no vagão.

Levantou e olhou para o outro carro de trem através da janela interna. Não viu ninguém, tudo escuro. Olhou para fora e só aí percebeu que havia dormido demais.

Sem relógio no pulso, não sabia que horas eram:

. É noite ou madrugada?

Tentou abrir a porta, mas não obteve sucesso, as portas dos trens de hoje não são mais como as dos trens de antigamente; fáceis de abrir.

Soltou uma interrogação para os seus orixás escondidos, talvez, na escuridão:

. Mas será possível?

Tentou outras portas, mas todas estavam com pressão, muito mais forte do que ele. Seus grossos braços e sua sabedoria de capoeirista não dariam jeito. %Q jeito mesmo é esperar amanhecer e o trem voltar a andar+. pensou consigo.

Procurando se localizar olhou novamente para fora e não viu nada além dos muros que cercavam a linha do trem.

Sentou-se outra vez, tentando pegar no sono e não enlouquecer esperando o trem voltar a andar. De olhos fechados, começou a pensar na sua volta para a Bahia. Será que muita coisa havia mudado?

Saíra de lá com 25 anos de idade e nunca mais voltara. Hoje com 38 anos se encontra desiludido com a vida. Casou duas vezes. Mas não consegue sustentar nem a ele. Também, melhor assim, pelo menos está livre para seguir o caminho que bem entender. E apesar dos tropeços ainda é feliz. Tem lá suas qualidades; nunca roubou e nem matou, pelo contrário, já salvou muitas vidas nas associações em que passou dando aula de capoeira. Na infância, Sulfato Ferroso, que morava nas ruas de Salvador engraxando sapatos, conheceu a capoeira através das rodas que se formavam na areia das praias. Às vezes estava engraxando um par de sapatos de um cliente e se distraía ao ver ao longe adultos e jovens de calças brancas e berimbaus nas mãos indo formar roda para jogar capoeira. Sulfato Ferroso corria para ver. Esquecia-se do par de sapatos que estava a engraxar. Tudo isso pra sentir o axé que arrepiava o seu corpo toda vez que presenciava uma roda dessas.

Foi assim que conheceu o mestre Tororó, com quem aprendeu os verdadeiros ensinamentos da capoeira e o dendê clássico dos passos e golpes da cultura popular.

Foi neste tempo que ganhou o apelido de Sulfato Ferroso. Lembra o dia em que mestre Tororó, sem mais nem menos, chegou na roda chamando-o desse nome, e assim ficou. Todos começaram a chamá-lo de Sulfato Ferroso.

Em São Paulo fez quase tudo no que se refere a trabalho; pintor, ajudante de pedreiro, panfleteiro, cobrador de lotação, empacotador de supermercado, padeiro, vendedor de porta em porta, e mais uma dezena de profissões que não exigiam experiência.

Só não evoluiu porque se negou a acompanhar o mundo moderno: . Celular, computador, emeio, sait, internet. Tudo besteira. Onde é que fica o olho no olho em tudo isso?

Acreditava mesmo é na capoeira. Só não sabia que em São Paulo ela não é tão valorizada quanto na Bahia. Lembrou o dia em que anunciou a um amigo que viria para a grande metrópole:

. João Peitudo, vô mimbora pra Sum Paulo ensinar capoeira. Levantar uma casa e criar uma família por lá.

Por aqui passou por vários lugares ensinando capoeira, mas quase não ganhava dinheiro. Na maioria das vezes era por amor. Adorava ver aquela criança sorrindo por ter aprendido o primeiro golpe.

Ficava aborrecido quando recebia convites de ONGs que movimentavam muita grana e diziam que não tinham dinheiro:

. Poxa vida, mestre Sulfato Ferroso, é pela molecada da periferia, tudo gente humilde e carente.

Logo cedia ao convite, seu coração era mole demais para dizer não+diante de uma fala dessas. O ruim mesmo era quando o aluguel atrasava.

. É, nessas zoras não tem ninguém de ongue e nem de entidade pra pagar as minhas contas, muito menos essa tal de humildade e carência.

Há muito tempo estava pensando em voltar. Era livre, não tinha nenhum dependente. É só chegar em Salvador, pular no mato e levantar um barraco. Melhor que ficar nessa cidade ingrata e mal agradecida.

A sobrevivência por aqui judiou de Sulfato Ferroso. Preocupação lhe dava olheiras. Até barriga aqui ele criou:

. Magine só, um capoeirista feito eu, cum barriga sobrando...

Talvez podia ser a idade, pensou. Teve muitas decepções por aqui, inclusive entrou em crise num momento de conflito interno. Ficou com aquela história de copo cheio e copo vazio na cabeça.

. Prumodequê será que na Bahia eu mi sentia tão bem, hein?

Devia ser o sol, o ar, o tempo, as pessoas, os passos descalços nas ruas de terras, o ritual de Oxum na casa de mãe Terta.

. Ô axé que acarma a alma.

Aqui em São Paulo as pessoas vivem apressadas, correndo atrás do seu, não pensam nos outros, cada um no seu mundinho.

. Será qui eu é que vivo assim? Será qui tem dois mundos?

Talvez sim. Sulfato ferroso sempre quis viver sossegado, sem estresse, sem preocupação.

O melhor mesmo é voltar para sua Bahia. Lá sim dá para viver sossegado. O custo de vida é suportável.

E além do mais não tem nada melhor do que jogar capoeira na areia da praia e depois tomar água de coco com uma baiana do lado. Nada com que se preocupar.

Deitou no chão do trem, usou a sacola que trazia como travesseiro e, dormiu.

Quando acordou o trem estava parado numa estação onde embarcavam sonolentos trabalhadores.

O relógio da plataforma marcava 4h 30 da manhã.

(85 letras e um disparo, 2007.)